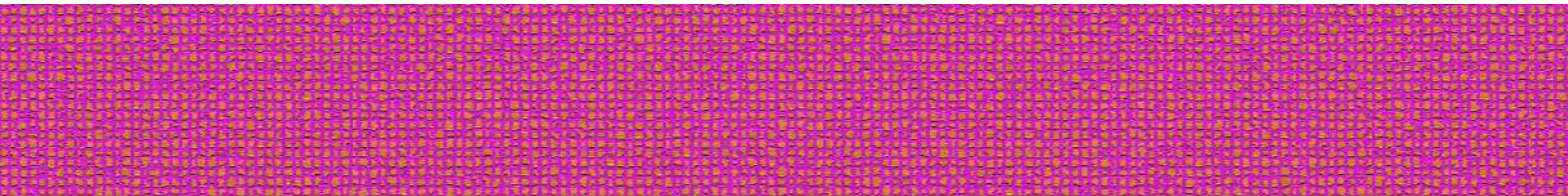


ENSAIOS



Laban e Virgínia Woolf: uma breve leitura do balé *Woolf Works* (2015) a partir da Coreologia

João Vitor Nilo Thomé¹

Universidade Federal de Santa Catarina

Woolf Works foi criado em 2015 para o The Royal Ballet (Royal Opera House, Londres) por Wayne McGregor, inspirado na vida e obra de Virginia Woolf (1882-1941). Focado em três de seus romances: *Mrs. Dalloway* (1925), *Orlando* (1928) e *The Waves* (1931), o tríptico balé recria as emoções e temas dessas obras, buscando se distanciar da estrutura narrativa tradicional, assim como nas novelas, cartas, ensaios e diários da autora, capturando o espírito da escrita de Woolf que, em conjunto à dança e à trilha sonora original de Max Richter, encanta o público de forma catártica.

O objetivo deste texto é, a partir da Coreologia de Rudolf Laban (1879-1958), explicada pela intérprete de dança, professora e escritora brasileira Isabel Marques, realizar uma breve leitura da dança apresentada em *Woolf Works*, relacionando-a aos temas que compõem a dramaturgia desse balé.

Em seu livro *Linguagem da Dança: Arte e Ensino* (2011), Marques assera sobre o extenso trabalho de Laban e suas históricas contribuições para as artes cênicas a partir da relação “fazer-pensar-sentir” a dança. Nesse sentido, o coreógrafo e professor alemão, no início do séc. XX, desenvolveu estudos acerca do movimento humano, dividindo-os em tópicos inter-relacionados, são eles: “a escrita da dança [Labanotation ou *Kinetography*], os estudos das interações do corpo no espaço [Corêutica/*Choreutics*] e as expressões dinâmicas do corpo [Eucinéutica/*Eukinetics*], chamando-os sob nome guarda-chuva de Coreologia [*Choreology*]” (MARQUES, 2011, p. 100).

Desse modo, a partir da Coreologia, principalmente da Corêutica e dos temas de movimento estudados na Eucinéutica: espaço (direto, indireto), peso (pesado/forte, leve/fraco), tempo (rápido, lento) e fluência (contínuo/livre, controlado/contido/quebrado), é possível realizar a leitura de obras de dança como *Woolf Works*.

O primeiro ato do balé aborda o romance *Mrs. Dalloway*, texto que apresenta diversas camadas, referenciando, de muitas formas, a vida da autora. Nessa obra, Woolf aborda inúmeras temáticas que perpassaram sua vida, como: o papel da mulher na sociedade, o casamento como instituição, a guerra, etc., o que faz seu romance possuir um ca-

¹ Aluno do Curso de Artes Cênicas da Universidade Federal de Santa Catarina.

ráter político. A dança nesse início é muito variada: os movimentos transitam entre direto e indireto, com poucas dinâmicas de tempo e, em geral, fluídos, sendo o peso um tema pouco utilizado nessa primeira etapa. Contudo, nos trechos em que a guerra é dançada, nota-se maior exploração desse elemento [peso] a partir de uma dança mais lenta, o que resulta na expressão de certo sofrimento, certa angústia.

Já para *Orlando*, obra destaque do segundo ato de *Woolf Works*, há uma maior dinâmica de tempo. Essa escolha está presente, além da coreografia, na trilha sonora, que é muito mais agitada do que a anterior e da que está por vir no ato seguinte. No romance, tem-se um tempo muito alongado (cerca de três séculos) com muitas referências em uma estória narrada em aproximadamente 300 páginas, ou seja, há uma clara aceleração, que é representada por movimentos mais rápidos – embora ainda fluídos – e com mais bailarinos no palco (muitas entradas e saídas, demasiada movimentação). Ainda, é importante destacar que o protagonista, Orlando, “torna-se” mulher no desenrolar do livro, e, em meu entendimento, esse fator é dançado na cena com a mudança do “protagonismo” em diversos momentos, ora dando foco a uma bailarina, ora a um bailarino.

Por fim, no terceiro ato, o mais lindo e emocionante na minha opinião, aborda-se o romance *The Waves*. O tom dessa última etapa é dado pela música calma e, talvez, melancólica, bem como pela leitura da carta de suicídio de Virginia Woolf, que marca o início desse ato final. A dança, então, assume um caráter de tristeza, capturado pelo uso de movimentos com peso, com tempo lento e lentíssimo e, também, contínuos (fluídos, ondulados). É nesse momento, também, que os elementos da Corêutica, como as direções espaciais e os níveis, possuem maior destaque, embora já estejam presentes anteriormente.

Essa obra de Woolf traz uma metáfora sobre a vida ao destacar as ondas (que são cenário da dança – projeções ao fundo do palco), os ciclos, os sentidos, em uma narrativa que faz a passagem da infância à vida adulta, fator que é destacado em cena com a presença de bailarinos e bailarinas de diversas idades. Todos os aspectos aqui citados, criam um bela elegia, que finaliza *Woolf Works* à altura dos trabalhos de Virginia Woolf.

Finalizo este texto destacando a potência de se escolher a dança como linguagem na adaptação da vida e obra da autora inglesa. De acordo com MARQUES (2011, p.102), a linguagem é um conjunto de signos que nos permite criar significações. Nesse sentido, pensar a dança como sistema [linguagem], possibilita enxergá-la como “um conjunto partilhável de possibilidades de combinação e arranjo dos campos de significação da dança nem sempre definidas, permeados de incertezas, de regras abertas, mas que produz significação”. Isto é, a dança permite distintas e diversas interpretações.

Assim, elementos que, *a priori*, produzem significação ao espectador são o/a intérprete (o corpo que dança), o movimento e o espaço cênico. Juntos, esses campos de significações geram a dança a partir de *n* relações abertas, infinitas e plurais de coerência. É por esse motivo, isto é, esses signos, que utilizar a dança como linguagem para a adaptação em *Wolf Works* mostra-se uma excelente escolha, pois acaba por gerar diversas camadas de entendimento, seja para aqueles que são fãs de Woolf, como para os que pouco conhecem seu trabalho, ou seja, surgem diversos níveis de significações e interpretações, todos eles válidos e valiosos.

REFERÊNCIAS

MARQUES, Isabel. *Linguagem da dança: arte e ensino*. São Paulo: Digitexto, 2011.

